

A TRADUÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Sueli Maria de Regino*

Anna Carolyna Ribeiro Cardoso**

Resumo: Em diferentes espaços, a tradução se revela uma necessidade cotidiana, pois não se traduz, usualmente, apenas de uma língua para outra. É possível traduzir dentro de uma única língua ou ainda, de uma língua para outras formas de linguagem, como as artes visuais e a música. Traduzir é necessário e se traduz cada vez mais à medida que a globalização encurta distâncias e interliga países, promovendo o multiculturalismo. O objetivo deste trabalho é expor os argumentos de teóricos que defendem a importância da tradução no aprendizado de línguas estrangeiras, afirmando que os exercícios tradutórios devem participar dos processos de aquisição de línguas estrangeiras da mesma forma que os exercícios que usam a leitura e a oralidade. De acordo com essa perspectiva, defendida por Sara Laviosa e outros teóricos da tradução, considera-se que os exercícios tradutórios complementam a formação do estudante de uma língua estrangeira, proporcionando-lhe maior conhecimento vocabular e ampliando suas reflexões sobre os dois idiomas. Os exercícios tradutórios, desprezados durante algum tempo pelos métodos de ensino de línguas estrangeiras, atualmente são reconhecidos como uma atividade comunicativa que merece seu espaço no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Tradução. História da tradução. Métodos de aprendizado de L2.

Abstract: In different spaces, translation has revealed itself to be a daily need, because people do not translate only from one language to the other. It is possible to translate inside a single language or from one language to visual arts and music, for example. Translation is even more common and necessary because of multiculturalism and globalization, which diminish distance and connect countries. This article aims to expose some of the theoretical arguments that defend the importance of translation in the learning of foreign languages, claiming that translation exercises should be a part of the acquisition of foreign language process, just as reading and speaking are. According to this perspective, advocated by Sara Laviosa and other translation researchers, translation exercises complement the foreign language student's education, offering them a bigger vocabulary and amplifying their reflections about both languages. Translation exercises, ignored for a while in different teaching methods, are now recognized as a communicative task, which deserves space in foreign language learning and teaching.

Key-words: Translation. History of translation. Foreign language teaching methods.

* Professora Doutora em Letras e Linguística pela UFG. Professora de Estudos Literários do curso de Letras Libras da UFG. mariaregino@yahoo.com.br

** Mestre em Letras e Linguística pela UFG e Doutoranda em Letras e Linguística pela UFG. Professora substituta da Faculdade de Educação da UFG. karolrc26@gmail.com

Introdução

A tradução é uma necessidade humana. Durante o aprendizado de uma língua estrangeira e mesmo depois, quando já se é considerado fluente, diferentes situações levam ao uso da tradução, como o desejo de traduzir um poema, uma letra de música, a necessidade de escrever um resumo, ou ainda, de ler algum folheto explicativo ou o tutorial de um *game*. Não se traduz apenas de uma língua para outra. É possível traduzir dentro de uma única língua ou ainda, de uma língua para os mais variados tipos de linguagem, como no caso do cinema, ou ainda, da pintura.

Traduzir é fazer escolhas. Quando alguém esclarece o sentido de uma palavra difícil para uma criança, traduzindo um vocábulo complexo para termos mais simples, que possam ser compreendidos por ela, está usando metalinguagem. É o que Octavio Paz (1971) quer dizer ao afirmar que a língua se explica a si mesma, ou ainda, que a língua se traduz. Essa forma cotidiana de tradução não é, na verdade, tão diferente daquela que se faz entre duas línguas, embora a esta última forma se acrescentem outras questões, como a pluralidade dos povos e as diferenças culturais.

Cada língua apresenta uma diferente visão de mundo e, por isso, há grandes dificuldades envolvidas na tradução, descrita por Paz (1971) como um trabalho não “menos difícil que escribir textos más o menos originales – pero no es imposible” (PAZ, 1971, s.p.)³⁷. Traduzir é necessário e se torna cada vez mais imprescindível à medida que a globalização encurta distâncias e interliga países, promovendo o multiculturalismo. A tradução, segundo Valentín García Yebra, é “un puente que permite la comunicación entre comunidades separadas por barreras lingüísticas” (1989, p. 45)³⁸ e pode ser definida como “una especie de transacción” (1989, p. 41)³⁹, processo em que o tradutor, conhecedor de duas ou mais línguas, pesquisa, avalia e “negocia” léxico, morfologia, sintaxe e conhecimentos pragmáticos para transportar os sentidos de um texto de sua fonte original para outra.

³⁷ “menos difícil do que escrever textos mais ou menos originais – mas não é impossível” (trad. nossa)

³⁸ “uma ponte que permite a comunicação entre comunidades separadas por barreiras linguísticas” (trad. nossa)

³⁹ “espécie de transação” (trad. nossa)

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das vertentes teóricas da tradução e seu histórico no aprendizado de línguas estrangeiras e os exercícios tradutórios, considerando-se que estes participam, como a leitura ou a oralidade, da aquisição de uma segunda língua. Entre os que defendem a tradução no aprendizado de línguas está Sara Laviosa (2014), que recomenda exercícios de tradução de L1 para a L2 ou vice-versa, afirmando que os alunos de língua estrangeira, ao fazerem exercícios de tradução, desenvolvem maior proficiência na língua-alvo do que os que não o fazem. A tradução, segundo a autora, é uma atividade comunicativa e merece seu espaço no processo de ensino-aprendizagem da L2, seja em nível universitário ou não.

Uma breve revisão histórica da tradução

Os primeiros exemplares de textos traduzidos aparecem na Mesopotâmia, por volta de dois mil anos a.C., com os povos babilônicos e assírios traduzindo antigos textos sumérios e acádios. A tradução da *Bíblia* hebraica, a *Septuaginta*, realizada entre 250 e 100 a.C., na ilha de Pharos (SIMON, 1998, p.173), foi outro evento de grande importância na história da tradução, pois, com o advento do Cristianismo, essa tradução bíblica inaugural desencadeou “uma longa série de traduções, as quais, séculos depois, incrementadas pela ação missionária, fizeram da Bíblia o livro mais traduzido em todo o mundo” (AUTOR In: AGUIAR, 2003, p. 128).

A história da tradução no Ocidente, contudo, teve início com a tradução da *Odisseia* de Homero, por Lívio Andrônico (284 – 204 a.C.), seguindo-se a tradução de textos gregos para a língua latina. Um dos principais teóricos da tradução dos dois últimos séculos que antecederam a Era Cristã foi Cícero (106 - 43 a.C.), que estabeleceu um dos mais importantes problemas teóricos da prática de traduzir: ser fiel às palavras de um texto ou às ideias nele contidas? O tradutor deve traduzir a obra, literalmente, palavra por palavra, ou alterá-las, para que as ideias contidas no texto-fonte possam ser apreendidas com mais facilidade pelo público leitor do texto final, produzido em outra língua? Para o grande orador romano, a escolha adequada seria a fidelidade ao pensamento da obra original e não ao original em si. Mauri Furlan (2001, s/p) ressalta a importância dessas

primeiras traduções, observando que “vários autores latinos se serviram de modelos gregos seja como fonte para traduções mais ou menos livres, seja como inspiração para suas (re)criações mais ou menos pessoais. A gênese da literatura latina está na tradução e imitação de modelos gregos”.

Jeremy Munday (2008) observa que, entre os latinos da Antiguidade, as traduções de textos do grego para o latim eram vistas como forma de aprender outra língua. Cícero e Horácio defenderam uma tradução a favor do sentido, em contraposição à tradução literal, em que os tradutores traduziam cada palavra, sem maiores preocupações com o sentido. As regras de gramática da língua a ser aprendida, a L2, eram induzidas a partir da leitura do texto a ser traduzido. Esse método, chamado de gramática e tradução, apresenta alguns aspectos que continuam sendo ensinados nas escolas públicas brasileiras, tais como a cópia de listas de palavras e a tradução de frases pelos alunos.

A ênfase na gramática e tradução “*assumed that all that was required for translating into a foreign language was a knowledge of the grammar and the possession of a good dictionary*” (LAVIOSA, 2014, p. 6)⁴⁰. De acordo com Munday (2008), essa abordagem se manteve por grande parte da Idade Média, com uma diferença: os tradutores medievais faziam comentários e notas às margens dos textos e frequentemente os modificavam, ao traduzirem de uma língua para outra e, algumas vezes, traduzindo de volta para aquela primeira língua.

Jerônimo de Estridão (347-420), autor da tradução da *Bíblia* para o latim, conhecida como *Vulgata*, também defendia uma tradução que favorecesse o sentido, para os textos de origem profana, enquanto para os textos sagrados, a tradução deveria valorizar as palavras e sua ordem na frase. Diferentes teóricos optam por decisões diferentes, de acordo com o contexto sociocultural em que vivem e traduzem, ora valorizando a tradução literal, palavra por palavra, ora a tradução livre. As críticas à tradução livre acusam-na de subverter o texto original, criando outra obra que não a escrita pelo autor traduzido. Por outro lado, a tradução literal seria responsável por criar

⁴⁰ “Assumiu que tudo o que era necessário para se traduzir uma língua estrangeira era o conhecimento gramatical e a posse de um bom dicionário” (trad. nossa).

textos ininteligíveis, pois, ao não valorizar o sentido do idioma fonte, o tradutor acaba por não obter sentido no idioma para o qual faz a tradução.

Apenas no século XVI, o latim passou a ser traduzido para as línguas vulgares, ou nacionais. Autor (2003, p. 132) observa que, no decorrer da história, traduções de textos religiosos foram um importante fator de transformação sociocultural, deflagrando “movimentos heréticos ou atuando como elementos de consolidação de novas seitas e religiões”. Martinho Lutero (1483-1546), ao traduzir a Bíblia para a língua germânica, influenciou outras traduções para línguas nacionais, como a de Willian Tyndale (1494-1536) para a língua inglesa. Os líderes da reforma protestante, com essas traduções vernaculares, esperavam “retirar da Igreja o seu poder, pois a julgavam corrompida, transferindo-o para as mãos do povo” (LEFEVERE, 1998, p. 150). Essas traduções religiosas levaram à valorização e fixação dos idiomas de outras nações, mas também influenciaram as traduções dos séculos seguintes.

Ao tratar das traduções dos séculos XVII e XVIII, na França, Aguiar (2003, p.12) se refere à expressão “belas infiéis”, usada para definir traduções “que buscavam a clareza de expressão e a harmonia de sons, procedendo a acréscimos, alterações e omissões para tal fim”. As reflexões teóricas de Goethe (1749-1832) sobre a tradução contrapõem-se às concepções francesas e os tradutores alemães dos séculos XVIII e XIX, os quais irão preferir uma tradução que “retém elementos sintáticos e morfológicos da língua-fonte, e que pode parecer estranha e soar de modo dissonante na sua tentativa de trazer elementos da língua estrangeira para a literatura-alvo” (MILTON, 1993, p. 60).

No século XIX Novalis preocupou-se com “the mythical nature of translation” (MUNDAY, 2008, p. 28)⁴¹, trazendo de volta questões sobre a impossibilidade de se traduzir, com fidelidade, um texto. Na esteira dessas discussões, Octavio Paz também considera a existência de uma “*opinión que juzga imposible la traducción de los significados connotativos*” (1971, s.p.)⁴² de um texto em determinada língua, o que tornaria impossível a tradução de um poema. Sob essa perspectiva, a literatura não deveria ser utilizada como ferramenta de aprendizado de línguas

⁴¹ “A natureza mítica da tradução” (trad. nossa).

⁴² “opinião que julga impossível a tradução dos significados conotativos” (trad. nossa).

estrangeiras e, da mesma forma, não seria válido uso da tradução literária para o aprendizado de línguas estrangeiras.

Estudos teóricos sobre os fenômenos da tradução são recentes, datando do final do século XX. Segundo Kevin Windle e Anthony Pym, a tradução “*for much of its history has existed as a practice without a theory*” (In: MALMKJÆR; WINDLE, 2011, p. 21)⁴³. Na contemporaneidade, essa realidade está em transformação, pois universidades em diferentes países oferecem cursos de graduação e pós-graduação, com o objetivo de formar tradutores qualificados para trabalharem como *free-lancers* ou como parte de um time empresarial. Além disso, ainda que a pessoa não seja formada em tradução, profissionais de Letras e outras áreas são continuamente requisitados para produzirem resumos, artigos e outros textos em línguas estrangeiras. Os *games*, tão apreciados por adolescentes, exigem exercícios de tradução por parte de seus participantes. É comum o caso de *gamers* que aprendem inglês para traduzir as regras de RPGs e jogos online.

A tradução no contexto de aprendizagem de línguas estrangeiras

No final do século XIX e início do XX, passou-se a valorizar a habilidade oral de um falante de língua estrangeira. A escrita, especialmente a tradução, não seria o objetivo do ensino-aprendizado de línguas. O método de gramática e tradução foi substituído pelo chamado “método direto”, com a gramática estudada de forma indutiva e a fala como o aspecto mais importante a ser desenvolvido pelo aprendiz. Sobre o método direto, Laviosa (2014, p. 8) diz que a valorização da comunicação oral justificava

[...] *the importance of phonetics in teacher training, because knowing how sounds are produced is essential for achieving accurate pronunciation, use of coherent, interesting, natural texts containing examples of the grammar points that need to be taught and the use of the foreign language in class.*⁴⁴

⁴³ “A tradução, por grande parte de sua história, existiu como uma prática sem teoria” (trad. nossa)

⁴⁴ “A primazia de habilidades comunicativas orais justifica a importância da fonética no treinamento do professor, pois saber como os sons são produzidos é essencial para obter pronúncia acurada assim como usar textos naturais e coerentes contendo exemplos de tópicos gramaticais que precisam ser ensinados e o uso de língua estrangeira em sala de aula” (trad. nossa)

A partir da valorização do método direto, a tradução foi relegada a um papel secundário na língua. Um dos grandes propagadores desse método foi Maximilian D. Berlitz, um linguista que criou as escolas de inglês Berlitz. Seu método não permite o uso da L1 do aluno em sala de aula, enfatizando a produção oral em língua estrangeira por meio de técnicas de perguntas e respostas. As observações gramaticais são apresentadas tardiamente, após algum tempo de aprendizado. Essa metodologia impede a comparação entre L1 e L2. Laviosa observa, citando Berlitz, que o uso de tradução “*wastes valuable language learning time which should be devoted entirely to the foreign language*”⁴⁵ (LAVIOSA, 2014, p. 12). Isso porque, além de encorajar a interferência da L1 no Ensino de L2, essa também seria uma atividade inútil, já que toda língua apresenta “*peculiarities that cannot be rendered by translation*”⁴⁶ (LAVIOSA, 2014, p. 12).

Na década de 1920, surgiu o método oral, embora baseado em teorias linguísticas, pouco diferia do método direto, que era completamente indutivo. A tradução continuou relegada a um papel secundário, o que também aconteceria no método audiolingual, criado a partir da teoria behaviorista de Skinner, e usado na Segunda Guerra Mundial com soldados das forças aliadas para que tivessem um treinamento rápido em línguas do continente europeu, especialmente o alemão e o italiano. Em 1957, a teoria behaviorista de B. F. Skinner (1904-1990) influenciou o surgimento de um novo método baseado em estímulos e respostas. Quando acertavam, os alunos de línguas estrangeiras recebiam incentivos, caso errassem, repetiam as frases novamente até conseguirem acertá-las. A aquisição de uma nova língua passou a ser vista como a aquisição de um novo hábito. Os alunos repetiam estruturas gramaticais apresentadas pelos professores, valorizando unicamente a comunicação oral em língua estrangeira.

Laviosa (2014, p. 20), citando Ellis, observa que, para os behavioristas, os erros na L2 eram provavelmente resultado de uma interferência da L1. Dessa forma, na sala de aula de língua estrangeira, recomendavam somente o uso da L2. De acordo com Laviosa (2014, p.20), citando Brooks (1964, p. 142), a prática da tradução só deveria ser

⁴⁵ “Gasta tempo valioso de aprendizagem de línguas que deveria ser voltado apenas para a prática de língua estrangeira” (trad. nossa)

⁴⁶ “Peculiaridades que não podem ser superadas pela tradução” (trad. nossa)

admitida em níveis mais avançados como exercício literário. O método audiolingual, expressão também criada por Brooks para se referir a esse modelo de aprendizagem de línguas, passou a ser questionado a partir da década de 1960, quando a chamada abordagem comunicativa começou a ser aplicada.

A abordagem comunicativa se desenvolveu a partir de diferentes percepções teóricas sobre a aquisição de língua. Noam Chomsky propôs a teoria do inatismo ou Gramática Universal, segundo a qual todos os seres humanos nascem com um dispositivo em seu cérebro que é voltado para a aquisição de línguas. Dell Hymes (1927-2009) trouxe o conceito de *communicative competence* e Henry Widdowson escreveu sobre o ensino, dividindo *competence* em *use* e *usage*. O objetivo da abordagem comunicativa, segundo Laviosa (2014, p. 22), era desenvolver o que foi chamado de “*communicative competence*”⁴⁷, segundo a qual o aprendiz deve usar a língua de acordo com as funções sociais e interacionais da língua estudada e não apenas como um conjunto de regras gramaticais.

Esse novo paradigma de aprendizagem afirma que o uso da língua tem de ser apropriado para determinado contexto; que os alunos devem aprender a criar e a responder mensagens para compreender seu significado real. Também estimula a existência de atividades em que os aprendizes têm liberdade na sua produção, a fim de desenvolver várias habilidades ao mesmo tempo e incentivá-los a correr riscos e testar hipóteses. As quatro habilidades, fala, escuta, escrita e leitura, devem ser ensinadas por professores fluentes tanto na L1 quanto na L2. Para a abordagem comunicativa, a tradução poderia ser incluída em estratégias de ensino de línguas, desde que os alunos entendessem o que estavam fazendo e qual era seu objetivo ao traduzir da L2 para a L1 e vice-versa.

As últimas duas décadas indicam o retorno do *status* da tradução como “*a professional activity and as a specific pedagogic exercise, carried out alongside other language-learning tasks*” (LAVIOSA, 2014, p. 26)⁴⁸. No campo do ensino de línguas estrangeiras, as vantagens da tradução são várias, porque ela estimula o desenvolvimento

⁴⁷ Competência comunicativa.

⁴⁸ Uma atividade profissional e um exercício pedagógico específico a ser trabalhado junto a outras práticas de aprendizado de línguas.

das quatro habilidades comunicativas – escrita, fala, leitura e escuta – além de possibilitar aos alunos de línguas estrangeiras um modo de “*reflect on the different ways in which the L1 and the L2 achieve the same communicative purpose*” (LAVIOSA, 2014, p. 27)⁴⁹. A tradução também ajuda o aprendiz a desenvolver seus conhecimentos de gramática nas duas línguas, a L1 e a L2, pois o contato constante com as dificuldades da L2, o auxilia a compreender melhor a estrutura gramatical da L1.

Em um mundo altamente globalizado, o processo tradutório promove, quase que naturalmente, o multilinguismo, a valorização da L1 do aluno e da diversidade cultural. Nesse sentido, Laviosa se posiciona de forma semelhante a Valentín García Yebra, quando esse afirma que “*el traductor no puede contentarse con la comprensión del lector común*” (1989, p. 31)⁵⁰ e que o tradutor deve buscar realmente compreender o texto e as línguas das quais traduz.

Além disso, Laviosa enfatiza outra vantagem do ensino da tradução como aprendizado de línguas estrangeiras: a tradução tende a “*satisfy the exigencies of many language learners who shy away from communicative tasks, such as open-ended and unpredictable role play, because these activities challenge their self-image*” (LAVIOSA, 2014, p. 28)⁵¹. Nem todos os alunos se comunicam da mesma forma. Alguns preferem se expressar oralmente enquanto os mais tímidos, como indica Laviosa, recorrem à escrita e a atividades como a tradução, que não requerem sua exposição diante da turma e de um professor insistente. A tradução, nesse caso, se torna um trabalho criativo, já que exige do aluno de línguas estrangeiras o uso de várias habilidades, fazendo com que ele desenvolva seus processos cognitivos ao transportar o texto de uma língua para a outra. Octavio Paz (1971, s.p.) completa essa ideia ao pontuar que a atividade da tradução é irmã gêmea da criação, pois “*cada traducción es, hasta cierto punto, una invención y así constituye un texto único*”⁵².

⁴⁹ Refletir sobre as diferentes maneiras que a L1 e a L2 alcançam os mesmos propósitos comunicativos.

⁵⁰ O tradutor não pode contentar-se com a compreensão de um leitor comum.

⁵¹ Satisfazer as exigências de muitos aprendizes de línguas que são intimidados pelas tarefas comunicativas, como as de final aberto ou uma dramatização imprevisível, porque essas atividades desafiam sua autoimagem.

⁵² Cada tradução é, até certo ponto, uma invenção e, assim, se constitui em um texto único.

O *Common European Framework of Reference for Languages* (2011) é um padrão reconhecido internacionalmente e usado para descrever a proficiência de um estudante em uma língua estrangeira. Desenvolvido inicialmente para a comunidade europeia, o *Framework*, atualmente, é utilizado em todo o mundo, já que as provas de idiomas como as de Cambridge e o TOEFL se embasam nele. De acordo com esse referencial, além das quatro habilidades básicas – a fala, a escuta, a leitura e a escrita – um aprendiz de língua estrangeira deve ter a tradução como sua quinta habilidade, uma vez que esta promove a mediação e a reflexão entre dois idiomas diferentes.

Embora tendo sido muito usada no *Método de Gramática e Tradução*, por ter sido considerada uma habilidade suficientemente comunicativa, a tradução caiu em desuso nos cursos de línguas. Segundo Mogahed (2011), algumas das desvantagens da tradução seriam: restringir o aprendizado de línguas às habilidades de ler e escrever; forçar o aluno a constantemente pensar em sua L1 e não na L2, quando na verdade essa é a língua que necessita ser desenvolvida; outro argumento era o de que as traduções não tinham muita aplicação no mundo real e, por isso, poderiam ser consideradas atividades artificiais.

No entanto, recentemente, como comprova o *Framework*, a tradução volta a se destacar como importante instrumento no ensino-aprendizado de línguas estrangeiras. Argumentos favoráveis também são pontuados por Mogahed (2011), para quem a tradução em si é comunicativa. A maneira de estudá-la e exercê-la, como no *Método de Gramática e Tradução*, é que pode desvinculá-la dos contextos comunicativos reais. A tradução é vista por muitos pesquisadores como uma atividade motivadora para o ensino de línguas, já que os próprios alunos percebem seu progresso durante a atividade de tradução e podem discutir a respeito de seus avanços e dificuldades. Além disso, a tradução é um exercício que auxilia o aluno a pensar não apenas na L2 que está aprendendo, mas na sua própria L1. De forma geral, “the arguments for using translation in the language classroom outweigh the arguments against it” (MOGAHED, 2011, s.p.)⁵³.

⁵³ Os argumentos para usar a tradução na sala de aula de línguas superam os argumentos contrários ao seu uso.

Sara Laviosa (2014, p. 26) enfatiza que o uso da tradução em contexto de aprendizagem de línguas estrangeiras “develops the ability to search for the most appropriate words in order to convey accurately the meaning of the original text, thus enhancing flexibility, accuracy and clarity”⁵⁴. Além disso, são traduzidos textos de diferentes gêneros e estilos, o que aumenta o conhecimento do aluno acerca da L2 e de como seus falantes nativos transmitem as mais diversas mensagens. A tradução, segundo Laviosa, “helps students to recognize errors deriving from L1 interference and, in so doing, enables them to enhance their knowledge of the mother tongue” (2014, p. 27)⁵⁵.

Assim, o exercício da tradução durante a aprendizagem de línguas estrangeiras traz mais benefícios do que malefícios, tornando os tradutores mais críticos não somente a respeito da L2, mas também da L1, além de ampliar seu vocabulário e capacidade de comunicação, pois facilita a comparação e a transição entre uma língua e outra.

Considerações finais

Das considerações expostas no decorrer deste trabalho, é possível depreender que estudantes de diferentes níveis devem receber diferentes tarefas relacionadas à tradução. Mogahed (2011) e Laviosa (2014) sugerem, por exemplo, que os alunos iniciantes devem começar com traduções realizadas palavra por palavra, ou seja, traduções literais, de forma a aprender o vocabulário ou diferentes aspectos gramaticais da L2. À medida que os alunos fazem essas traduções, devem pontuar as diferenças entre a L1 e a L2, com acompanhamento do professor, quanto ao uso de determinadas expressões e tempos verbais.

Os alunos avançados, por outro lado, devem investigar a tradução preocupando-se não apenas com a superfície do texto e o significado de cada palavra, mas com o sentido, buscando compreender recursos como a ironia, a metáfora e a metonímia.

⁵⁴ Desenvolve a habilidade de busca pelas palavras mais apropriadas a fim de transmitir o significado do texto original com precisão, aumentando, assim, a precisão e a clareza.

⁵⁵ Auxilia os alunos a reconhecerem erros vindos da interferência com a L1 e, ao fazer isso, possibilita o aumento de seu conhecimento sobre a língua materna.

Essa sugestão pode fazer parecer com que o processo de tradução seja linear. Os alunos iniciantes, por exemplo, não encontrariam metáforas ou metonímias nos textos que estudam e os avançados não deveriam se preocupar com a tradução de palavra por palavra, o que realmente não acontece: iniciantes conseguem interpretar figuras de linguagem e mesmo falantes fluentes têm dúvidas quanto à tradução de certos vocábulos individuais.

Mogahed (2011) e Laviosa (2014) alertam que o processo tradutório tem seu espaço junto às demais habilidades linguísticas, mas não deve ser utilizado em excesso, pois alguém que, incessantemente, compara a L1 e a L2, pode dispersar sua atenção e terminar por não focar, com profundidade, em nenhuma das duas línguas. Além disso, poderia se atrasar nos quesitos de fala e escuta, por exemplo, já que teria de traduzir as perguntas feitas para então respondê-las oralmente ou, por falta de prática, não entenderia o que diz uma canção popular, um diálogo teatral ou uma notícia de jornal em língua estrangeira. Se o aluno deseja se tornar um tradutor, poderá frequentar cursos e instituições especializadas para esse fim, no entanto, a tradução por si mesma não deveria ser o objetivo principal de uma aula de inglês como língua estrangeira.

Como sugerem Mogahed (2011) e Laviosa (2014), a tradução complementa a formação na língua estrangeira, proporcionando maior conhecimento sobre o vocabulário da língua inglesa. Também possibilita ao estudante refletir sobre semelhanças e diferenças entre o português e o inglês, desenvolvendo competências para escrever textos literários em ambos os idiomas. De acordo com Laviosa (2014, p. 29), citando a *Modern Language Association of America* (MLA), principal associação para acadêmicos de língua e literatura dos Estados Unidos, a tradução gera “an ideal context for developing translingual and transcultural abilities as an organizing principle of the language curriculum” (MLA, 2007, p. 3)⁵⁶.

As atividades de tradução não se associam unicamente à educação formal, em contextos de sala de aula de línguas estrangeiras, mas estão presentes no cotidiano de pessoas de todas as idades, em todos os países, em decorrência da globalização e do

⁵⁶ “um contexto ideal para se desenvolver habilidades translinguísticas e transculturais como um princípio organizador do currículo de línguas” (MLA 2007:, p.3)”.

acesso dos usuários a diferentes idiomas. Ocorrem, mais frequentemente, em eventos acadêmicos, políticos e de negócios, entre usuários das redes sociais, sites de compras e de interesses gerais na Internet e entre os *gamers* e jogadores online que, como mencionado anteriormente, traduzem regras, nomes de objetos e funções dos jogos para usufruírem desses entretenimentos da melhor forma possível. Em chats internacionais, falantes traduzem de uma língua para a outra a fim de se comunicarem melhor. A tradução, portanto, deve ser considerada como uma valiosa habilidade desenvolvida por um falante ou aprendiz de línguas estrangeiras, juntamente com a fala, a escrita, a leitura e a audição.

Referências

AGUIAR, Ofir Bergemann. *Tradução: fragmentos de um diálogo*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

BROOKS, N. H. *Language and Language Learning: Theory and Practice*. Harcourt, Brace, 1960.

COUNCIL OF EUROPE. *Common European Framework of Reference for Languages: learning, teaching, assessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Disponível em: <https://rm.coe.int/1680459f97> . Acesso em: 6 de dez 2017.

FURLAN, Mauri. *Cadernos de Tradução*. “Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente – I. Os Romanos”. Santa Catarina: UFSC, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6229> . Acesso em: 12 mai 2019.

LAVIOSA, S. *Translation and language education: pedagogic approaches explored*. New York: Routledge, 2014.

LEFEVERE, A. Os tradutores e o poder. Capítulo escrito com a colaboração de Lourdes Arencibia Rodriguez, Michel Ballard, Anthony Pym, Clara Foz, Sherry Simon. D.J.M. Soulas de Russel, George Talbot e Colette Touitou-Benith. In: DELISLE, J.; WOODWORTH, J. *Os tradutores na História*. Tradução de Sérgio Bart. São Paulo: Ática, 1998. P. 143-168.

MLA Ad Hoc Committee on Foreign Languages. “Foreign Languages and Higher Education: New Structures for a Changed World.” 1-12. MLA Web, 2007.

MUNDAY, J. *Introducing translation studies: theories and applications*. New York: Routledge, 2008.

PAZ, O. *Traducción: literatura y literaridad*. Barcelona: Tusquets, 1971. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com/.../traduccion-literatura-y-literalidad/> Acesso em: 8 set 2017.

MALMKJÆR, K.; WINDLE, K. (orgs). *The Oxford handbook of translation studies*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

MILTON, J. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética. 1993.

MOGAHED, M. H. To Use or not to Use Translation in Language Teaching. In: *Translation Journal*. vol. 15, n. 4, October, 2011, s.p. Disponível em: <<http://translationjournal.net/journal/58education.htm>> Acessado em 27 de junho de 2018.

AUTOR.. Babel revisitada: o poder subjacente às traduções do texto bíblico. In: *Tradução: fragmentos de um diálogo*. AGUIAR, O.B. (org.). Goiânia: Editora UFG, 2003, p. 127-142), 2003.

SIMON, S. Os tradutores e a difusão das religiões. Capítulo escrito com a colaboração de Robert Bratcher, Amila Butorovic, Francine Kaufmann, Achmed Khammas, Domenico Pezzini e Arvind Sharma. In: DELISLE, J.; WOODWORTH, J. *Os tradutores da História*. Tradução de Sérgio Bart. São Paulo: Ática, 1998, p. 169-197.

YEBRA, V. G.. *Teoría y práctica de la traducción*. Madri: Editorial Gredos, 1989.